

ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA: RELATOS DAS CRIANÇAS SOBRE SUAS VIVÊNCIAS NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

HERIBERTO FRANCISCO XAVIER¹

INTRODUÇÃO

Assim como vinha acontecendo normalmente, ano após ano, as aulas de 2020 tiveram início de forma presencial nas escolas de todo o Brasil. Todavia, em virtude da pandemia de Covid-19, essas aulas foram suspensas no mês de março, retornando de forma remota, em muitas escolas, a partir do mês de abril. O modelo de aulas remotas vigorou durante todo o restante de 2020 e, em alguns casos, se estendeu também ao decorrer de 2021.

Em 2021, levando-se em conta determinadas situações, as famílias puderam optar por mandar as crianças de volta à escola para estudarem presencialmente ou deixá-las em casa para continuarem estudando no modelo remoto. Mesmo após o início da vacinação para os grupos considerados prioritários, a volta às aulas presenciais exigiu rígidos cuidados sanitários, tais como: o uso de máscara, a higienização das mãos com álcool em gel e o distanciamento social na sala de aula e em todos os demais ambientes escolares.

Já em 2022, com avanço da vacinação e após certa normalidade em termos de transmissão da doença e flexibilização de algumas medidas sanitárias, as aulas presenciais também foram se normalizando, sobretudo nas escolas de educação básica. Contudo, era chegada a hora de

1 Pós-Graduando do Curso de Formação de Professores para a Educação Básica do Centro Universitário Cidade Verde (UNICV), Professor da Educação Básica (SME/DC), herixavier.educ@gmail.com.

continuar buscando, agora de modo mais efetivo, meios para avaliar, recuperar e/ou recompor as aprendizagens das crianças.

Diante do exposto, é preciso destacar que o ato educativo durante a pandemia de Covid-19 foi bastante desafiador, sobretudo para as crianças em vias de alfabetização. Nesse sentido, o objetivo deste estudo consiste em refletir sobre a alfabetização ao decorrer dessa pandemia, tomando como referência os relatos de cinco crianças sobre as vivências de quando estudaram de forma remota, em 2020, no 1º ano do ensino fundamental. A realização do estudo junto a essas crianças justificou-se pelo fato de tentar conhecer suas vivências no processo de alfabetização remota, identificar possíveis dificuldades de aprendizagem deixadas pelo modelo de aulas remotas no primeiro ano da alfabetização, contribuir para a superação das dificuldades identificadas e fazer com que as crianças revisitassem e registrassem suas vivências, não permitindo que tais vivências fossem apagadas pelo tempo.

Portanto, na sequência, apresenta-se de forma sintética a metodologia utilizada no estudo, o referencial teórico que serviu de base às reflexões tecidas, os principais resultados obtidos e a discussão acerca desses resultados, algumas considerações finais e a lista de referências empregadas no curso do estudo.

METODOLOGIA

De caráter qualitativo, o estudo foi realizado no início do ano letivo de 2022, com cinco crianças que estudaram de forma remota, em 2020, no 1º ano do ensino fundamental. Tais crianças, atualmente com oito e nove anos de idade, integram uma turma do 3º ano do ensino fundamental de uma escola rural localizada no extremo-oeste de Santa Catarina.

Para a coleta das informações, lançou-se mão de questionário e de produção textual. O questionário foi estruturado com questões abertas e fechadas sobre as experiências vivenciadas pelas crianças durante o processo de alfabetização no 1º ano do ensino fundamental e no contexto das aulas remotas de 2020. A produção textual, por sua vez, versou sobre a criação de uma história em quadrinhos, na qual cada uma das crianças foi instigada a contar de forma sintética as vivências que consideravam importantes sobre as aulas em casa.

Além de servirem como fonte para a coleta dos relatos, tanto o questionário quanto a produção textual deram subsídio para o planejamento de atividades e situações de leitura e escrita com vistas a contribuir para a superação das dificuldades identificadas e trazidas como herança do processo de alfabetização na pandemia.

REFERENCIAL TEÓRICO

O processo de alfabetização sempre se configurou como um desafio, haja vista os diversos fatores inerentes a ele. Esse processo se tornou ainda mais desafiador no contexto da pandemia de Covid-19, uma vez que o coronavírus, causador dessa pandemia, “alterou aspectos substantivos de nossa vida em sociedade, obrigando-nos ao isolamento e a incorporar hábitos defensivos de higiene e de precaução quase extrema nos contatos.” (GATTI, 2020, p. 29).

A situação pandêmica obrigou crianças, adolescentes e jovens a mudarem seus hábitos relacionais e de movimento, a estudarem de modo remoto, alguns com boas condições, com acesso à internet, com os suportes necessários (computador, tablet ou celulares), mas muitos não dispoñdo dessas facilidades, ou dispoñdo com restrições (por exemplo, não dispoñção de rede de internet ou de computador ou outro suporte, posse de celulares pré-pagos com pouco acesso a redes; um só celular na família etc.), contando ainda aqueles sem condição alguma para uso dos suportes tecnológicos escolhidos para suprir o modo presencial. Agregue-se a essas condições o grande contingente de alunos que não puderam contar com apoio mais efetivo dos pais por seu nível educacional, ou por trabalharem em setores prioritários durante o isolamento, ou por outros motivos. (GATTI, 2020, p. 32).

Com o cenário pandêmico, uma das alterações ocorridas se deu no plano das aulas presenciais que passaram a ser remotas a partir de março de 2020. Nesse sentido, tanto as crianças e suas famílias quanto os professores alfabetizadores foram impactados e desafiados a buscar alternativas para ensinar e aprender de forma não presencial e descolados dos espaços físicos da escola. Esse cenário também causou muitas preocupações aos professores, que tentaram garantir um

processo de alfabetização alinhado a documentos legais, tais como: os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001), a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) e a Política Nacional de Alfabetização (BRASIL, 2019). Esses documentos trazem uma proposta de alfabetização, tendo como foco: a leitura e a escrita com a finalidade de formar leitores e escritores competentes (BRASIL, 2001); as práticas pedagógicas baseadas na oralidade, na leitura e escuta, na análise linguística e semiótica e na produção de textos (BRASIL, 2018); e a oferta de condições que possibilitem às crianças aprender a ler e escrever nos anos iniciais do ensino fundamental, com priorização no 1º ano (BRASIL, 2019).

A preocupação das famílias, por seu turno, girou em torno de como ajudar as crianças a aprenderem a ler e escrever, bem como se elas iriam ter uma aprendizagem efetiva dessas habilidades sem o auxílio presencial dos professores, dos recursos pedagógicos disponíveis nas escolas e das diversas situações proporcionadas na ambiência escolar.

Ajudar a criança a aprender a ler e escrever é deixá-la vivenciar as situações cotidianas de leitura e escrita. É, pois, criar na escola um espaço para que ela possa brincar, livremente, de ler e escrever: brincar de escolinha, ora fazendo o papel do professor, ora o papel do aluno; escrever e ler espontaneamente suas histórias, seus textos, trocar ideias com seus colegas. (BIZZOTTO; AROEIRA; PORTO; 2010, p. 68).

Levando em conta as diferentes realidades das famílias e de seus lares, em muitos casos, essas situações e espaços de leitura e escrita não puderam ser oferecidas às crianças nem mesmo o auxílio efetivo dos professores ao decorrer das aulas remotas. Diante da situação de ineditismo, buscou-se lançar mão de algumas soluções. Assim, se de um lado

[...] algumas soluções foram encontradas para a manutenção do vínculo de estudantes com a instituição de ensino, seus professores e colegas, de outro lado verificaram-se dificuldades ponderáveis: o estudo e aprendizagem de conteúdos curriculares novos em modo de isolamento, com apoios delimitados pela situação remota, dificuldades de atenção e concentração, o estresse de alunos

pela situação do isolamento, por excesso de conteúdos emitidos ou de tempo dedicado diante de tela de computador ou outro aparelho digital, trocas relativizadas pelo esforço comunicativo demandado, falta do calor dos laços presenciais, entre outras situações [...]. (GATTI, 2020, p. 33).

Diante disso, é preciso considerar que nem todas as crianças foram de fato alfabetizadas, que muitas delas foram alfabetizadas dentro da perspectiva tradicional de alfabetização em que a leitura e a escrita são tomadas como simples decodificação e codificação dos sinais gráficos e que talvez poucas delas tenha sido alfabetizadas dentro da perspectiva que Goulart (2020) e Soares (2020) denominam de letramento. A primeira autora considera a escola como uma das instituições promotoras do letramento, definido como um processo no qual há um grande intercâmbio de características das modalidades da linguagem verbal. Para a segunda autora, o letramento está relacionado à capacidade de ler e escrever textos, fazendo uso da leitura e da escrita nos mais diversos contextos socioculturais.

Portanto, “para combinar a alfabetização e o letramento, o professor precisa, então, criar oportunidades em que a criança possa vivenciar, intensamente, atos de leitura e escrita” (BIZZOTTO; AROEIRA; PORTO, 2010, p. 44), tanto na escola quanto fora dela. Certamente, esse foi mais um dos desafios enfrentados pelos professores, crianças e famílias ao decorrer das aulas remotas.

Conhecer como foi a alfabetização no contexto de pandemia é muito importante para o planejamento das práticas pedagógicas, bem como para identificar possíveis dificuldades de aprendizagem deixadas pelo modelo de aulas remotas no primeiro ano da alfabetização e para contribuir com a superação das dificuldades identificadas. Nada melhor para isso do que dar voz às crianças, deixando-as compartilharem suas vivências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os relatos das cinco crianças indicaram que, no contexto das aulas remotas de 2020, todas elas estudaram somente de forma online, não fazendo a retirada de material impresso na escola. Segundo as crianças, era feito o uso apenas do celular e do WhatsApp para a interação

nas aulas e para ter acesso às atividades. Essas atividades chegavam até elas por meio de vídeos e fotos encaminhados pela professora no grupo do WhatsApp da turma. Por sua vez, as crianças faziam a devolutiva dessas atividades através de fotos.

Um ponto interessante destacado pelas cinco crianças é que elas sempre participavam das aulas, buscando fazer e devolver todas as atividades solicitadas com maior brevidade possível.

Ao serem questionadas sobre as atividades que realizavam, as crianças destacaram, por exemplo, a leitura de textos, a cópia de textos e a escuta de histórias.

Quanto aos espaços utilizados para os estudos, duas crianças indicaram ter feito uso da sala da casa e três delas indicaram ter feito uso do quarto. Como se nota, essa também foi uma realidade de muitos estudantes espalhados Brasil afora, os quais, no contexto da pandemia de Coid-19, foram privados de utilizar a sala de aula e outros espaços da escola considerados tradicionalmente como os mais adequados para os processos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.

No tocante à ajuda recebida durante as aulas em casa, a mãe foi citada por quatro crianças como sendo a pessoa que mais ajudou na realização das atividades, e o irmão foi citado por uma delas como sendo essa pessoa.

Em relação à aprendizagem da leitura, uma das crianças relatou que aprendeu a ler totalmente e as outras quatro relataram que aprenderam a ler apenas um pouco, tendo como justificativa para isso alguns motivos, conforme o relato da Criança C: “Eu aprendi a ler um pouco, porque a professora não dava muita atividade para ler.” Questionadas sobre o que aprenderam a ler, as cinco crianças foram unânimes em destacar que aprenderam a ler somente letras, sílabas e palavras, não tendo aprendido a ler frases nem textos.

No que se refere à aprendizagem da escrita, uma criança indicou que não aprendeu a escrever e as outras quatro indicaram que aprenderam, tendo como justificativa para isso alguns motivos, conforme o relato da Criança E: “Eu aprendi a escrever, porque eu tinha muita ajuda do meu irmão, do meu pai e da minha mãe.” Questionadas sobre o que aprenderam a escrever, quatro delas indicaram que aprenderam a escrever apenas letras, sílabas e palavras; uma indicou que aprendeu a escrever letras, sílabas, palavras e frases; e nenhuma delas indicou ter aprendido a escrever textos.

Ao serem questionadas sobre o que acharam das aulas remotas, duas crianças indicaram que gostaram deste tipo de aula. Por outro lado, três delas indicaram que não gostaram das aulas remotas, dando algumas justificativas para isso, conforme indicado no relato da Criança B: “Eu não gostei das aulas em casa, porque eu não aprendi a escrever.”

Por fim, ao serem instigadas a expor sobre o que mais sentiram falta durante as aulas remotas, as crianças relataram que sentiram falta dos colegas (Crianças A e D), dos professores (Crianças C e D), da merenda (Criança B) e do recreio (Criança E).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo realizado, foi possível fazer com que as crianças revisitassem e registrassem um pouco de suas vivências ao decorrer das aulas remotas de 2020, quando ainda estavam no 1º ano do ensino fundamental. Conhecer essas vivências foi de suma importância para a identificação de dificuldades de aprendizagem deixadas pelo modelo de aulas remotas. Dentre essas dificuldades, estavam aquelas inerentes à leitura e à escrita de textos. A partir disso, buscou-se pensar e desenvolver práticas pedagógicas que contribuíssem para a superação de tais dificuldades, tentando seguir os passos da alfabetização na perspectiva do letramento.

Além disso, a partir da análise dos relatos, foi possível verificar aspectos importantes, tais como: o descontentamento e a ansiedade das crianças com as aulas em casa, a dificuldade com o uso do celular e do WhatsApp nas atividades e a conciliação entre as atividades domésticas e as escolares. Por outro lado, notou-se a forte ajuda dada pelas pessoas da família às crianças na realização das atividades, com destaque para as mães.

Portanto, frente aos relatos expostos, conclui-se que foram muitos os desafios enfrentados pelas cinco crianças no início de sua jornada de alfabetização, o que pode, de alguma forma, ter impactado na aprendizagem da leitura e da escrita.

REFERÊNCIAS

BIZZOTTO, Maria Inês; AROEIRA, Maria Luisa; PORTO, Amélia. **Alfabetização linguística: da teoria à prática**. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.

BRASIL. **Base nacional comum curricular: educação é a base.** Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa.** 3. ed. Brasília: MEC, 2001.

BRASIL. **Política nacional de alfabetização.** Brasília: MEC, 2019.

GATTI, Bernardete A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n.100, p. 29-41, 2020.

GOULART, Cecília M. A. **A produção de textos escritos na alfabetização: "era uma vez os sete cabritinhos"**. Niterói: EDUFF, 2020.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever.** São Paulo: Contexto, 2020.